

O Espozendense

ANO XXXIX

ESPOZENDE, 30 DE SETEMBRO DE 1927

NUMERO 1:010

Semanao republicano, independente defensor dos interesses deste concelho

Director, administrador e propriet.—José da Silva Vieira

Editor—Julio de J. Giesteira Lima

Composição e impressão—Typ. Espozendense—Espozende

ASSIGNATURA

Aan 1, sem estampilha 85000 rs.—Numero avulso 200 rs.—Com estampilha e para fóra 105000 rs.—Brasil, (Moeda forte), 305000 rs.

Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

ANNUNCIOS

Judiciaes: linha ou esp. de linha 1500 esc.—Comun. ou reclamaes, linha 50 c. Imposto do sello, cada publicação. 25 c.—Anuncios particulares: linha 70 c. Reclames e obras literarias med. um exemp. Não se restituem originals.

Este numero fol visado pela commissão da censura

Réde telefonica

E' um assumpto que não podemos largar; tem tanta importancia para esta terra e concelho, que mal parecia que um jornal, com as responsabilidades do nosso, o abandonasse.

Em um dos ultimos numeros do importante diario da capital, *O Seculo*, lá vem um croquis da construção das linhas e das *cabines* a estabelecer. E' triste dizel-o, mas Espozende não figura lá; passa por aqui a linha telefonica, mas é porque esta malfadada terra, lhe fica em caminho.

Argumenta-se por ali, que já se pediu que Espozende fosse dotada com uma ligação na rede geral e que isso fóra prometido, mas o que é certo é que no plano geral, essa ligação não figura lá. Fiem-se em cantigas, não tratem de ir a Braga, interceder do snr. Governador Civil, representar ao ministro do Comercio ou ao Administrador Geral dos Correios e Telegrafos e verão o trambolhão que apuham. Não se fiem em promessas que breve esquecem, por isso que não mais foram lembradas; insista a Camara, mande a Braga qualquer dos seus membros, avivem ao snr. Governador Civil as suas promessas, quanto de justo e necessario tem esse melhoramento, atemem, façam-se ouvir, não tenham receio de serem massadores e verão que alguma coisa se fará.

Assim na calma quente do ripanso costumado, no deixar correr, é que nada se faz. E que custa isso? Nada, um quasi nada; não é pela despesa que possam fazer, que taes assumptos se descuram, é-o tão somente pelo desleixo, pelo não te rales nacional, de que todos nós enfermamos, uns mais, outros menos.

Em uma sacudidela grande, um extremeção enorme, deitemos fora essa preguiça, e em um acto de vigor e força, em um golpe audaz e que marque, metamos hombros a este c on-

tros melhoramentos de que a nossa terra, a nossa linda e encantadora terra, que nos viu pequenos e nós sorriu em grandes, urgentemente precisa.

Suba até aos altos poderes, em termos energicos, mas respeitosos, em palavras calmas, mas reflectidas, uma exposição cathogorica e completa, do que nos falta, d'aquilo de que temos urgencia e justiça. Diga-se-lhes que não queremos luxos, nem melhoramentos inuteis, não pedimos no ar, mas sim sensatamente, ordeiramente e aquilo a que tem jus, o unico porto de mar de um districto como Braga, a mais linda e encantadora praia d'esse mesmo districto, a ridente praia de *Suve-mar*.

Que os jornaes da capital do districto nos auxiliem na nossa campanha, que as altas individualidades se coloquem, franca e abertamente, ao nosso lado e assim se conseguirá alguma coisa. Mas para que tenhamos direito de lhes pedir isto, preciso é, de obrigação grande e pelo nosso lado, podemos diser, cara descoberta, alto e bom som, que não descuramos esses assumptos, que temos por elles encetado campanhas, posto em seu serviço toda a nossa boa vontade, todo o nosso esforço, toda a nossa dedicação, e assim armados com todo este material de guerra, poderemos pedir, temos mesmo o direito de o exigir, que quem tem obrigação de o fazer-se ponha, franca e sinceramente ao nosso lado; antes d'isto, é que não o poderemos, nem deveremos fazel-o. Haja, pois, um resurgimento, acordemos deste marasmo de indiferença e tedio e numa *halali* vigoroso e firme, caminhemos todos, ordeira e disciplinadamente, em fileiras cerradas, para a consecução dos melhoramentos que a nossa terra precisa.

E depois, se alguma coisa se conseguir, poderemos dizer como Tito: não perdi o meu dia. Surjamos e andemos.

PASSAPORTES

Agencia Brazil

DE

ANTONIO LOPES RODRIGUES D'AREIA

Preferir esta Agencia é ter a certeza de ir ao seu destino dentro da maior legalidade.

Antonio Lopes Rodrigues d'Arcia.

PALAVRAS AMIGAS Sôbre o regionalismo

Longe de mim escrever um grande artigo sobre regionalismo em geral e acerca das necessidades do concelho de Espozende em particular.

Não que me falhe o desejo de o fazer—mas sim porque me escasseia neste momento o tempo e a saúde. No entanto, por isso que o artigo inserto no *Espozendense* de 16 de Setembro, sob o titulo de *O Grémio do Minho*, me sugeriu algumas oportunas considerações, não resisto á tentação de traçar um breve esboço do que deveria ser a acção conjuncta dos individuos dos Municipios e do Estado—entidades estas que em vez de andarem mutuamente a enganar-se deveriam mutuamente ligar os seus esforços para a realização duma obra comum de ressurgimento nacional.

Até agora o pouco que se tem feito no que diz respeito a este assumpto pode qualificar-se de nada. Gestos isolados, atitudes quixotescas—numa palavra e resumindo: a obra regionalista adentro do Minho é dispersa, confusa, sem base.

Se é certo que os governos não sabem cumprir o seu dever, tambem não é menos verdade que a provincia é a primeira a não saber impôr a sua força. Em vez de conjugar todos os seus esforços para a realização duma acção comum, inteligente e decisiva—perde o tempo e o melhor da sua energia a esgrimir contra moinhos, isto é: a cultivar pequenas inimizadas, pequenissimas invejas e questões locais de interesse mais do que secundario. Do Terreiro do Paço, os estadistas veem uma provincia fragmentada, desfeita, sem vontade—e atiram-lhe com boas promessas... que de mentiras não passam. Mas apesar disso—a região recebe inalteravelmente essas mentiras... com foguetes, e discursos bombasticos como se porventura a experiencia já não lhe ensinasse a duvidar do que só duvidas pode oferecer!...

O Minho tem nma ideia muito acanhada do que seja regiona-

lismo—confundindo-o com o *bairrismo*; mais do que isso: com uma politica local, de campanario—sem grandeza nem qualquer plano orientador. Daí o desprezar e esquecer a importancia inapreciavel das manifestações colectivas coordenadoras de valores e forças—como seria o Congresso, Regional e como é o Grémio do Minho. O portuguez não tem o espirito da solidariedade e do associativismo. O seu egoismo torna-o exclusivista e essencialmente individualista—só encontrando razão de ser no que possa oferecer um lucro immediato. Tudo o mais são para ele cantatas. E apesar dos factos, não compreende que contribuir para o bem da colectividade é, afinal de contas, contribuir indirectamente para o bem de cada um de nós. Daí o cada cidade, vila ou povoação só pensar, em geral, em coisas que afectem, duma maneira directa, a sua vida, com exclusão das outras terras—ou mesmo em contraposição ás outras! Resultam deste critério atictos lamentaveis—e acima de tudo: a inviabilidade de qualquer melhoramento digno desse nome. O que pedem ao Estado ou é *pouco* e não vem a desempenhar qualquer influencia na economia da nação—ou é *muito* (pelo menos *muito* para um Estado centralizadas, indisciplinado, politico e abúlico) e nesse caso nada ha feito.

E' precisamente esta orientação que é preciso mudar—porque além de ininteligente é absurda. A obra realisada por semelhante sistema, se tal nome se pode dar—é desencontrada e ridicula. Não vale nada. O regionalismo deve começar por alterar a mentalidade do povo e em especial daqueles que o dirigem. Primeiro que tudo, torna-a necessário estabelecer como ponto de partida que sem o concurso, a união e o acôrdo de todos nada de duradoiro se pode conseguir. Dando cada um a quota—parte do que puder—e pouco será preciso—conseguir-se-hão coisas prodigiosas. Mas nada de começar a alimentar sonhos megalómanos, a architectar visionarismos e quimeras impossiveis. *Deixar que tenho pressa*—diz o ditado—e assim deve ser. E' necessário começar pelas coisas mais pequenas—e partir delas para as grandes. O edificio começa a construir-se pelos alicerces. Por

isso mesmo antes de pedir aquilo que, de direito lhe é devido, torna-se imprescindível realizar a obra que lhe cabe levar a efeito dentro do seu campo de acção —para que o pedido seja feito com autoridade.

O Minho precisa unir-se, porque a obra que as circunstâncias impõem é—em primeiro lugar—*local*, depois *regional* e por fim *nacional*. O regionalismo abrange este triplice aspecto do problema português.

Qualquer delas em separado —é uma parte mínima do todo uno e indivisível.

Em Espozende—por exemplo—faz-se sentir esmagadoramente a necessidade de realizar quanto antes esta obra de ressurgimento. Em assumptos, propriamente locais, alguns ha que são mais do que afflictivamente anceados. É certo que nestes ultimos tempos se levou a efeito um grande melhoramento, qual foi o da luz electrica—mas outros estão ainda em aberto, como as famosas aguas do Bouro, o calçamento das ruas da vila—pois o que está é uma vergonha, para só falar em dois. No que diz respeito a outros assumptos, dentro já do aspecto nacional, e regional—estão em primeiro lugar a instrução agricola, as obras do pôrto e barra de Espozende, o caminho de ferro...

Mas isto—para se realizar—isto e muito mais... só com um plano conscientemente traçado, só com a força da provincia inteira—que apparecesse a gritar finalmente: *um por todos e todos por um*.

A provincia que trabalha tem o direito de exigir que o seu esforço seja justamente compensado, mas para isso ainda deve trabalhar mais. O Minho com os seus peregrinos encantos e com as suas extraordinarias riquezas, tem qualidades admiráveis e aos particulares cabe levar a efeito grande parte da obra do renovamento que se impõe.

É essa obra que o *Grémio do Minho* tem procurado realizar, adoptando o lema: *Pelo Minho e pelos Minhotos*. É essa obra que eu ha muito venho preconizando com fervor e entusiasmamente—pondo nela todo o meu entusiasmo e valimento pessoal.

Oxalá a saibam compreender e dela tirar algum ensinamento—quando não algum proveito.

Foi por vêr que—embora com palavras excessivamente amáveis—o artigo em questão encerrava algumas verdades, que eu escrevi estas linhas—onde mais uma vez afirmo a minha devoção pela terra abençoada do Minho.

MARIO GONÇALVES VIANA.

RECLAMAÇÕES REGIONAES

Espozende, a "Praia de Suave Mar," Carece de um ramal de caminhos de ferro e outros melhoramentos.

Entrevista do «Diário de Notícias» de Lisboa, com o illustre espozendense Snr. Manuel J. Gonçalves Viana, residente n'aquella capital.

(Conclusão)

Construção de habitações para veraneantes—A necessaria canalização nova para abastecimento de agua.

—E outros resultados progressivos?—inquirimos.

—A construção de casas, proximas do mar, proprias para banhistas, para veraneantes. Não falta nessas proximidades terreno barato e na localidade abundam os materiais precisos, como a a pedra, o saibro, a louza, o barro e madeira fornecidas por extensos pinhais. Como a edificação resultará barata, certo de que não deixará de constituir-se um empreza construtora. E, deste modo, se engrandecerá o nucleo populacional da minha querida vila».

O nosso interlocutor fala em seguida de outros melhoramentos de que carece Espozende, enunciando-os com sugestiva crença:

—A minha terra necessita ainda de outras obras, entre as quais a canalização nova para a agua, trabalho cujos estudos estão feitos. Ela seria construída em 1 kilometro de extensão apenas, da vila até Bouro, no sopé de uma das serras que encadeiam com a do Gerez e onde ha um manancial abundante excelente.

«A antiga fonte que tenta abastecer ainda os habitantes, e que tem uma pessima drenagem em pedra arruinada, não basta, de facto, ao consumo inteiro da vila. Por vezes, é preciso que eu e outros proprietarios locais lhes forneçamos agua dos nossos pozos, os quais são verdadeiras nascentes, de constante derivação.

«Outro melhoramento de instante realização é o desassoramento da barra, onde é mister que entrem e saiam com facilidade as pequenas lanchas de pesca, que tem tido, inumeras vezes, de ficar encalhadas».

E o sr. Manuel Gonçalves Viana extrai da sua serie de reclamações, como espozendense deseioso de colocar a sua terra na categoria que lhe compete, mais esta nota:

—Quanto ao desejado porto de abrigo nos Cavalos de Fão entendo que não é, talvez, preciso reclamá-lo já. A população do concelho —sei-o—, ficaria

contente se se construi-se um quebra-mar, um bom paredão que reguardasse convenientemente os barcos. Isto, por agora. Mais tarde, reconhecendo-se que o quebra-mar não bastaria, se batalhariamos então na conquista do porto de abrigo».

As dedicações locais—O valer pitoresco da vila.

E, invocando os auxilios com que se pôde contar, para a realização dos varios empreendimentos:

—A praia de Suave Mar, distico condigno que se deu á minha terra, conta dedicações que podem conquistar-lhe o engrandecimento a que tem jus. A actual comissao administrativa, composta de homens independentes de toda a politica, presididos pelo grande entusiasta local snr. Valentim Ribeira da Fonseca, oferece firmes garantias de que saberá pugnar por ele havendo realiado trabalhos cuja importancia é geralmente reconhecida. A vereação transacta alguma coisa effectuou tambem em prol dos municipales, tendo, por esforços do seu presidente, o distincto advogado snr. dr. Alexandre Torres, sido iniciado o melhoramento da iluminação electrica. Não é justo que eu esqueça a devoção consagrada ao progresso de Espozende por meu filho, o dr. Mario Gonçalves Viana. Creio que ninguem verá nesta alusão o «vituperio» do elogio proprio.

—Como tambem não o é evocar-se o que V. tem trabalhado em Lisboa, no mesmo sentido.

—Sim. Estou sempre á disposição dos meus conterraneos, para tratar dos interesses da Princesa do Cavado, como se chamar-se a nossa terra em linguagem de allegoria. Tenho-a, assim, representado aqui em varias «démarches» officaes, em nome da respectiva Camara Municipal, da Misericordia e Hospital, etc.

E, em expressao de apologia, entusiasticamente:

—Tudo merece de mim a terra onde nasci. Não deixo nunca de enaltecer a sua esplendida situacao topografica, debruçando-se sobre o Cavado; o seu valor de quadro verdejando, para lá do rio, tímida de pinhais no contorno de uma larga ponta de areia. Sim orgulho-me do seu conjunto pitoresco, em que o olhar se entusiasma, digressando pelos seus vastos campos de milho, de um kilometro de largura, no sopé do Bouro, pelo esmalte das manchas longas dos pinheirais, pelas lindissimas aldeias da cercania—Gandra, Goios, Outeiro, Pinhoto, Rio de Moinhos, Marinhos: e mais adiante, cortada pela estrada, olhan-

do para o Atlantico, a freguesia de Mar. praia em inicio, berço que foi do notabilissimo, egregio jornalista Antonio Rodrigues Sampaio. E o encanto do olhar não para aqui. É que o panorama, prolonga-se para a direccao de Viana, n'uma linha sempre paralela á estrada, na sucessao de Belinho e S. Paio de Antas e a findar no rio Neiva, termo natural do concelho, ponto exuberante de verdura que lembra um trecho suico.

NOTICIARIO

«O Barcelense»

Este nosso presado colega de Barcelos, acaba de ser suspenso pela Comissao de Censura d'aquella vila por 15 dias.

Em sua substituição sai o «Barcelos» em quanto durar a suspensão.

DR. JOSÉ D'OLIVEIRA

Na ultima quarta-feira, esteve entre nós de visita a ex.ma snr.a D. Ana Margarida Leitão Maria, d'essa vila, o ex.mo snr. Dr. José de Oliveira, nosso bom amigo e conterraneo, residen e na cidade do Porto, onde regressou no mesmo dia.

Para a sua quinta de Terroso, na freguezia de Palmeira do Faro, partiu na semana passada, a familia Ribeira da Fonseca, desta vila, onde vae passar a temporada das colheitas.

Igualmente para a sua propriedade da freguezia das Marinhas, a familia Alberto de Faria, onde conta demorar-se algum tempo.

Vimos entre nós o nosso velho amigo e simpatico cidadão, sr. Lourenço da Costa Leitão, que actualmente se encontra em Cadelas.

Já regressou a Espozende, o snr. Joaquim Augusto d'Azevedo Correia, officissimo escriptor de direito, do terceiro officio d'essa comarca.

Já regressou de Faro do Lima, onde foi assistir ás festas de Setembro d'aquella vila, o snr. Francisco Xavier Viana, nosso illustre colaborador.

Vimos ultimamente entre nós o sr. Tenente Lauro de Barros Lima, illustre membro da Camara Municipal de Braga.

Tambem vimos nesta vila o sr. Antonio Viana, digno contador em Fafe.

A uso de banhos encontra-se entre nós a familia do sr. João d'Araujo Coutinho, socio da Fabrica Industrial Barcelense, de Barcelos.

FALECIMENTO.—Faleceu na ultima terça-feira de manhã, n'essa vila, a ex.ma snr.a D. Marieta Lopes da Costa, viuva, de 93 anos, moradora na rua 15 de Agosto, realisando-se o seu enterro na 4.ª feira.

Paz á sua alma.

Para as suas importantes propriedades de Vila Cova, freguezia do visinho concelho de Barcelos, partiu ultimamente, o ex.mo snr. Fradique de Vasconcelos Corte Real, acompanhado de sua esposa, e interessantes filhas D. Marieta e D. Alsira, que aqui marcaram pela sua gentilidade e grandes dotes de sympathia e intelligencia. Deixam grande saudade estas duas queridas meninas e mais ainda seu querido Paee, um cavalheiro que captiva pela sua fina educação, pelos dotes de intelligencia e grandes conhecimentos que o exornam e que fazem d'elle, um companheiro que vae fazer falta.

Temos a certeza que é com saudade que leva d'essa linda terra, onde veio passar a estancia calmosa, mas são maiores ainda as que deiza.

Cá o esperamos e sua illustre familia, para o anno e com mais demora.

Afectuosos cumprimentos de despedida.

COMEMORAÇÃO

Os nossos amigos Dr. Alexandre Torres, José d'Abreu e Xavier Viana, como comissarios do passamento do saudoso filho d'essa terra Dr. Henrique Barros Lima, que passa no proximo dia 6 de Outubro, mandarão celebrar uma missa de Requiem na nossa Matriz e promoverão uma sentida romagem ao túmulo do saudoso extinto.

Espera-se que em ambos estes actos tomem parte todas as associações d'essa vila, Fão e freguezias.

Os convites serão breve distribuidos e ahí se marcará a hora d'estas duas ceremonias.